



## GETÚLIO VARGAS: A TRANSFORMAÇÃO DO ÍDOLO EM MITO<sup>1</sup>

*Roselene Moreira Gomes Pommer<sup>2</sup>*

Introdução: A “Carta Testamento” de Getúlio Vargas tem sido um dos documentos mais estudados pela historiografia política do país dadas as referências que faz ao contexto de 24/08/1954. A partir de alguns elementos expressos neste documento, pretendemos discutir a sua transformação em monumento, enquanto um dos suportes simbólicos de produção e permanência do Mito Populista que envolve a figura de Vargas. Material e Método: O Brasil da primeira metade do século XX ainda carecia de arquétipos estruturadores que balizassem sua formação identitária. Como produto da grande heterogeneidade étnico-cultural que caracterizou nossa formação, a nação não possuía elementos míticos que promovessem a unidade da consciência coletiva. As ações políticas e sociais do governo Vargas demonstram a percepção dessa necessidade. Através da criação do Ministério do Trabalho e de sua principal obra, a “Leis Trabalhistas”, Getúlio Vargas legitimou a função social do operariado brasileiro e da burguesia empresarial, reconhecendo oficialmente a bipolaridade social que caracterizou especialmente os centros industriais do país a partir de então. Esse reconhecimento significou especialmente para as camadas populares que compunham o operariado brasileiro, a legalidade da existência. Resultado: A partir desse reconhecimento legal, inicia-se a produção do Ídolo Populista em torno da figura política de Getúlio Vargas, que com sua morte, transforma-se em Mito. Enquanto expressão de um Estado populista, controlador e monopolizador das ações político-sociais, que toma para si a defesa das camadas humildes e teoricamente sem representatividade na esfera estatal, Vargas vai assumindo uma função paterna, concomitante a de Chefe de Estado. Com o suicídio, em 1954, transformou-se em Mito, transcendendo na consciência e na memória coletivas, de um espaço e um tempo profanos, para uma esfera sagrada, mítica, de onde lhe era possível lembrar aos “filhos” seus referenciais culturais e seus padrões de valores morais. A Carta Testamento, enquanto registro de seu último discurso dirigido às camadas populares (“...renunciando a mim mesmo para defender o povo (...) Escolho esse meio para estar sempre convosco. Quando vos humilhareis, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado...”), parece consolidar a relação entre “Pai” e “filhos”. A partir de então, a simbologia da reprodução dessa relação de dependência assume um caráter transcendente, mentalmente articulado a elementos de reprodução dos exemplos e dos ideais do ídolo que a memória e a consciência coletiva, através da noção de martirização que envolveu a morte do “Pai”, transformam em Mito (“...meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência...”). Trechos desse último discurso parecem sinalizar, além da eternização da relação (“Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história.”), para a possibilidade de aproximação entre a martirização da morte de Vargas e a de Cristo, mesmo ao preço de ter de renunciar a posição de Pai, para colocar-se na posição de filho, situação idêntica a de Cristo, que se torna, enquanto mártir, chefe de uma igreja: (“Nada mais vos posso dar, a não ser meu sangue (...) Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço de seu resgate... eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço minha morte”). Conclusão: Essa relação



# ENERGIA E ALIMENTOS

XVI Seminário de Iniciação Científica  
XIII Jornada de Pesquisa  
IX Jornada de Extensão

UNIJUI . 23 a 26 de setembro de 2008



que se estrutura com a produção do Mito é revivida e reafirmada a partir de vários instrumentos como as comemorações que se sucedem anualmente a cada dia 24 de agosto, as disputas partidárias e judiciais que envolveram o controle da legenda PTB e a criação do PDT e, mais especificamente para o caso da análise proposta, os monumentos materiais que registram a despedida feita pelo “Pai” aos seus “filhos”, expostos nas praças centrais de várias cidades brasileiras.

<sup>1</sup> Síntese de conferência proferida no I Simpósio de História Política: A Era Vargas - São Borja/2005

<sup>2</sup> Doutora em História. Docente da URI - Campus de Santo Ângelo e São Luiz Gonzaga. Professora da Rede Pública Estadual de Ensino, lotada na EEEM Ruy Barbosa - Ijuí.